



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7079 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT09 - Trabalho e Educação

**(DES)FORDIZANDO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A NOVA MORFOLOGIA DAS CLASSES SOCIAIS E A ASCENSÃO DO EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO**

Vitor Ramos Castor Santos - UFBA - Universidade Federal da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**(DES)FORDIZANDO A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A NOVA MORFOLOGIA DAS CLASSES SOCIAIS E A ASCENSÃO DO EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO**

Resumo: A formação empreendedora nos últimos anos adquire a adesão crescente das instituições de ensino regular do país. Neste trabalho analisaremos a relação entre trabalho e educação em um contexto avançado de reestruturação produtiva e de fomento ao empreendedorismo na Educação Profissional. Examinando duas dimensões desse fenômeno: (1) a relação dialética entre os dispositivos educacionais e as exigências de diferentes regimes de acumulação; (2) a difusão da formação empreendedora e seus efeitos morfológicos nas classes sociais, em especial, dos setores que vivem do trabalho. A expansão do empreendedorismo nos currículos de educação profissional segue a tendência em curso de novas relações de trabalho apoiada na generalização da figura do empreendedor. Embora o discurso em defesa da formação empreendedora valorize a noção do empresário-inovador do tipo schumpeteriano, sua aplicação na atualidade está associada a novas formas de gestão do trabalho e a formação do trabalhador de novo tipo: Empresário de si.

Palavras-chave: educação, educação empreendedora, empreendedorismo, trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é propor uma reflexão sobre as problemáticas analíticas e conceituais das políticas educacionais de Educação Profissional derivadas da

relação entre trabalho e educação em um contexto avançado de reestruturação produtiva e de fomento ao empreendedorismo. Este trabalho está estruturado em duas partes: (1) No primeiro momento, buscaremos problematizar o lugar do trabalho no sistema educacional brasileiro e suas conexões com as exigências patronais relacionadas aos diferentes processos de acumulação; (2) Em seguida, refletiremos sobre a difusão da formação empreendedora e seus efeitos morfológicos nas classes sociais.

Essa investigação é resultado de um levantamento bibliográfico que vem sendo realizado no mestrado em educação, cujo objetivo é estudar as mudanças das políticas educacionais de Educação Profissional da Bahia, a partir da inclusão da Educação Empreendedora. Através de um balanço socio-histórico da relação entre trabalho e educação, procura-se compreender o momento atual de crescimento das pedagogias empreendedoras na Educação Profissional.

Em contraposição as concepções dialéticas que visam superar as dicotomias produzidas a partir da estrutura de classe, as iniciativas governamentais destinadas à agenda de formação profissional, fez dos currículos, um recrutamento prévio da divisão social do trabalho. Inicialmente com o objetivo de atender os planejamentos empresariais e os dados de ritmo do mercado de trabalho, próprias das pedagogias taylorista/fordista (KUENZER, 1991). Com a crise do modelo fordista nos anos 1970 (DRUCK 1999), a Educação Profissional passa a responder as novas demandas da reestruturação produtiva, por uma nova morfologia da classe trabalhadora adaptada ao risco do desemprego, a flexibilização dos processos produtivos e a desproteção social do trabalho (ALVES, BATISTA, 2009).

Diante desse quadro, as propostas de formação empreendedora adquirem gradativa centralidade, seguindo a tendência em curso de novas relações de trabalho apoiada na generalização da figura do empreendedor, cujos objetivos pedagógicos passam a incluir um crescente investimento no autocontrole subjetivo, na individualização dos riscos e na adaptabilidade socioemocional do trabalhador, para que simultaneamente, possa ser capaz de criar seu próprio emprego (MANFRÉ, 2020).

Portanto, é preciso compreender como as transformações socioeconômicas orientam relações dialéticas entre educação e trabalho a ponto de observarmos uma (des)fordização da Educação Profissional com base na incorporação dos dispositivos gerenciais e organizacionais próprios do modelo Toyotista de produção, cada vez mais presente na gestão e objetivos escolares. Ademais, desde o final do século XX, instituições internacionais passaram a estimular o empreendedorismo, em 1999 o tema aparece na agenda de desenvolvimento social de diversos organismos multilaterais, sendo relatado enquanto um atenuante das contradições sócio-econômica diante de um regime de acumulação financeirizado e flexível (SILVA, 2015).

A hipótese que aqui se levanta é que a formação empreendedora crescentemente estimulada na Educação Básica, em especial na Educação Profissional, embora ocorra de modo fragmentado, implica em uma mudança substancial no paradigma da Educação Profissional, com efeitos disseminados na gestão escolar, nos currículos e na práxis pedagógica.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

## A (DES)FORDIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COMO UM NOVO MOMENTO DA DIALÉTICA ENTRE REGIME DE ACUMULAÇÃO E OS DIPOSITIVOS EDUCACIONAIS DE FORMAÇÃO PARA O TRABALHO

Gramsci (2001) no texto “Americanismo e Fordismo” explica a formação da hegemonia fordista, dando destaque a necessidade da nova estrutura de produção em gerar uma adaptação psicofísica do trabalhador. A produção industrial da época dependia de novos modos de viver, pensar e sentir capazes de legitimá-la, formando assim o americanismo, *"a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia"*, afirma Gramsci (2001, p. 247-248).

Atualmente, a validade do pensamento de Gramsci encontra-se no entendimento que o processo de acumulação de capital depende de ações ponderadas entre a repressão das classes populares e paralelamente, formas de consentimento de modo a instruir o trabalhador as exigências da produção capitalista, convertendo a educação a um dos espaços privilegiado de adaptação dos trabalhadores as novas condições de trabalho.

Mesmo com o esgotamento da hegemonia fordista com a reestruturação produtiva, a necessidade de vínculos entre processos educacionais e processos econômicos continua persistente. De acordo com Druck (1995), verifica-se a (des)fordização da gestão do trabalho definido pela separação rígida entre gerência e execução, produção em série, verticalizada e de massa, sofrem um processo de encolhimento, enquanto o modelo toyotista, amplia-se, orientando novos sistemas de produção e envolvimento subjetivo, baseado no Just-in-time, Kanban e Gestão da Qualidade Total (DRUCK, 1995).

Os impactos das transformações no mundo do trabalho em relação à expectativa de formação dos trabalhadores podem ser pensados a partir da explicação de Ana Teixeira (1996) ao afirmar que a qualificação profissional não trata apenas da capacitação de um produtor, a Educação Profissional compreende o produtor, o produto e a produção.

Conforme Frigotto (2015) verifica-se que nas novas pedagogias desaparece o termo qualificação, anteriormente ligada a instituição do emprego, própria das Teorias do Capital Humano popularizada durante a década de 50, que formulava acerca do investimento no “fator humano” como determinante básico para o aumento da produtividade e elemento de superação do atraso econômico. Para o vocabulário social e pedagógico atual o indivíduo empregável forma-se por competências sendo aquele que reúne as qualidades técnicas e psicossociais que interessam ao mercado, com uma formação abstrata, policognita e polivalente, pressupondo iniciativa e criatividade para administrar os processos de produção e de realização de serviços, tanto quanto necessários.

Ora, ergue-se nesse cenário, uma nova ideologia da formação profissional, diante da crise do emprego assalariado, ligada a valorização do empreendedorismo na sociedade e nos diversos níveis e modalidades da educação. O que implica em um processo de consolidação das noções de competências individuais e da empregabilidade, centradas na formação de indivíduos capazes de tornar a si

mesmo empregável (ALVES, BATISTA, 2009).

Nessa conjuntura a formação empreendedora nos últimos anos adquire a adesão crescente das instituições de ensino regular do país. O empreendedorismo passa a emergir enquanto conceito anunciativo de um novo repertório econômico e comportamental, aplicável em uma conjuntura de práticas políticas econômicas assentadas na produção flexível.

## A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR DE NOVO TIPO: EMPRESÁRIO DE SI

Um dos defensores da educação empreendedora no Brasil, Dolabela (2008), destaca que o ideário empreendedor ultrapassa seu ambiente de origem nos segmentos de negócios e da inovação mercadológica, e alarga-se para as demais esferas da vida, concebendo-as como espaços a serem empreendidos. A vida torna-se um ambiente regado como o mercado, experienciada entre a oportunidade e o risco, *“a forma de ser empreendedora teria a ver com o estilo de vida, visão de mundo, reação diante de ambiguidades e incertas, protagonismo, inovação, capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no meio ambiente, meios e formas de se buscar a autorrealização* (DOLABELA, 2008, p. 2).

Embora o discurso em defesa da formação empreendedora tenha um apelo ao protagonismo individual, sua aplicação se dá em consonância aos novos mecanismos de gerenciamento e controle do trabalho, cuja tendência atual é consolidar a figura do trabalhador como autogerente-subordinado a partir da generalização da racionalidade empreendedora (ABILIO, 2019). Para Antunes (2002), o processo de reestruturação produtiva, opera múltiplas processualidades contraditórias: De um lado a desproletarização da produção fabril com a redução do número de trabalhadores no interior da planta produtiva; Por outro lado, a fragmentação dos assalariados baseados na generalização das formas de trabalho precário, part-time, flexível, terceirizado, subcontratados e atípicos.

O uso do significado de empreendedor no sentido schumpeteriano, de um empresário-agente inovador capaz de romper com os padrões de produção e arriscar seu capital, esconde o significado que o empreendedorismo assume na atualidade referente a processos de informalidade e a transferência de risco para o trabalhador (ABILIO, 2019). Nesse sentido, o empreendedorismo trata de uma nova forma de subjetivação (LAVAL; DARDOT, 2016) e de uma gestão da sobrevivência (ABILIO, 2020) evidenciada em fenômenos como a terceirização.

A terceirização assume centralidade na estratégia patronal, já que suas diversas modalidades (tais como cooperativas, pejetização, organização não governamentais, além de redes de subcontratação) concretizam “contrato”, ou forma de compra e venda de força de trabalho, em que as relações de trabalho sociais entre capital e trabalho são disfarçadas e travestidas de relações Interempresas/instituições (ANTUNES; DRUCK, 2014, p.17).

E mais recentemente, o processo de uberização (ABILIO, 2020), a plataformização do trabalho (GROHMAN, 2020), a *gig economy* como formas de

gestão logarítmica de trabalho caracterizado pela automação da gestão a partir das plataformas digitais, passam também a fortalecer a imagem de novo trabalhador-empREENDEDOR. Todos esses elementos são apresentados como formas de ser “seu próprio chefe”, entretanto, o campo de atuação desses empreendedores situa-se dentro dos limites de outra empresa. Tanto no interior do ambiente corporativo envolvendo a formação de empregados intra-empREENDEDORES (NETO, 2010), quanto sob a forma de trabalhador autogerente subordinado e disponível, mediado por um contrato entre uma empresa e um *empREENDEDOR de si* (ABÍLIO, 2020)

Os dispositivos estratégicos dessa nova pedagogia é formar um trabalhador autogerente capaz de atuar em uma multiplicidade de atividades de trabalho. Trata-se de capacitar indivíduos com habilidades e competências para que estejam preparados a empreender o tempo todo. Com a idéia que aqueles em posse dessa formação empreendedora desfrutarão de novas propriedades de bens intangíveis, proprietários das suas próprias habilidades, capacidades, singularidades e destrezas. Através dessa concepção o empreendedorismo vem sendo apresentado como uma importante ferramenta na promoção da empregabilidade, alternativa ao desemprego e, por conseguinte, da igualdade social. Paralelamente ao esvaziamento das ações de proteção social realizada pelo Estado, as políticas públicas de educação começam a incorporar a figura do "empREENDEDOR heróico" que a partir das suas singularidades e individualidades supera a desigualdade socioeconômica (SILVA, 2015).

Pires e Moura (2017) propõe um quadro com elementos característicos da Pedagogia Empreendedora, e comparamos com as orientações pedagógicas no âmbito da acumulação fordista discutida por Kuenzer (1985), conforme o quadro abaixo:

Quadro de divergências entre os diferentes momentos da Educação Profissional		
Dimensões	Pedagogia da Fabrica (KUENZER, 1985)	Pedagogia Empreendedora (PIRES; MOURA, 2007)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Qualificar a força de trabalho segundo os objetivos empresariais;</li> <li>· Responder as demandas e ritmo do mercado de trabalho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Confeccionar Plano de Negócios;</li> <li>· Gerar produtos que se transformem em oportunidades de negócio.</li> </ul>
Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Trabalho docente fragmentado em diferentes especialidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Pode ser um empresário voluntário.</li> </ul>
Aluno	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foco no cumprimento de regras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Foco nos resultados.</li> </ul>
Currículo	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Disciplinas ligadas às áreas de atuação industrial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Disciplinas ligadas à administração.</li> </ul>
Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Técnicas que atendem as necessidades de diferentes processos produtivos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Técnicas necessárias para administração de uma empresa.</li> </ul>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Metas e produtividade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Resultado financeiro da empresa.</li> </ul>

Fonte: KUENZER, 1985; PIRES; MOURA, 2007)

A escola como uma das áreas de maior interface com as novas gerações,

somada a uma noção hegemônica acerca da instituição escolar, que a concebe como o *locus* de formação de um corpo frágil e despreparado, que precisa ser moldado à realidade que enfrentará adiante, é consagrada enquanto espaço privilegiado para um processo de subjetivação que sustenta traços empreendedores (SALGADO, 2014, p.197-199).

De acordo com Costa (2009) com o avanço da pedagogia empreendedora na Educação Profissional noções específicas de lucratividade e sucesso encontram ressonância nos currículos escolares, os jovens alunos são ressignificados como *alunos-micro-empresas*, e em simultâneo, a instituição de ensino simula as leis do mercado no ambiente escolar.

Vale destacar que em relação ao sistema escolar contemporâneo, a adoção da gestão da *Qualidade Total* (GENTILI, 1995), incorporada gradativamente através de reformas administrativas inspiradas na lógica empresarial, estabelece um sistema de prêmios e castigos, a noção de aluno-cidadão é reconceitualizada através da revalorização do indivíduo enquanto proprietário que luta para conquistar/comprar. Além disso, os professores precisam disseminar a cultura empreendedora, de modo a estimular os discentes a empreenderem, assumindo que nessa nova realidade o diploma não garante mais a entrada no mercado de trabalho (COSTA, 2009).

## CONCLUSÃO

Em uma conjuntura de individualização dos riscos atribuindo o sujeito como único responsável pelo seu fracasso ou sucesso. Presenciamos a expansão do empreendedorismo nos currículos de educação profissional que marca uma nova morfologia da classe trabalhadora caracterizada pela razão neoliberal apoiada na generalização da figura do empreendedor. Frente ao esgotamento das aspirações de uma escola republicana preocupada com a formação cidadã em todas as suas dimensões: social, cultural, político e profissional, cujo papel social estava relacionado à promoção da igualdade de oportunidade. Que mesmo não tendo se consolidado nas escolas brasileiras, mas contrabalançava as tendências desagregadoras marcada por interesses particularistas. A nova escola sob o dogma do mercado, é administrada tal qual uma empresa, cujo papel social é formar o empreendedor heróico com a urgência de superar as desigualdades por conta própria, que encobre e consolida a figura do trabalhador como autogerente-subordinado.

## BIBLIOGRAFIA

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?1. *Estud. av.*, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, Apr. 2020. Available from 0142020000100111&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 agosto 2020.

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 18, n. 3, p. 41-51, nov. 2019. Disponível em: Acesso em: 24 agosto 2020.

ALVES, Giovanni. ; BATISTA, Roberto Leme. A ideologia da educação profissional no contexto do neoliberalismo e da reestruturação produtiva do capital. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, VIII.2009, Campinas. *Anais*. Campinas, SP, 2009.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 8ª edição, Editora da Unicamp. Campinas, SP, 2002.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A epidemia da terceirização. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III** São Paulo: Boitempo, 2014.

COSTA, Sylvio S. G. **Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo**. Revista Educação & Realidade, p. 171-185, mai./ago, 2009. Disponível em: . Acesso em 19 ago. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016.

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia Empreendedora*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DRUCK, G. *Terceirização: (Des)Fordizando a Fábrica. Um Estudo do Complexo Petroquímico da Bahia*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP. 1995.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. *Trabalho necessário*, v. 13, p. 206-233, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/download/8619/6182>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, T. T. da & GENTILI, P. (Orgs.). Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília, DF: CNTE, 1996, p. 9-49.

GRAMSCI, A. "Americanismo e Fordismo" In: \_\_\_\_\_. Cadernos do Cárcere. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre a datificação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. Revista Eptic., v.22, n.1, p.106-22, jan./abr. 2020.

KUENZER, A. *Educação e trabalho no Brasil*; o estado da questão. Brasília: INEP/MEC, 1991.

KUENZER, A. *Pedagogia da Fábrica*. São Paulo: Cortez, 1985

SOARES NETO, Edson Paiva. O empregado intra-empendedor, uma nova gestão do trabalho no capitalismo no século XXI: novos métodos para fomentar a eficiência produtiva nas organizações empresariais. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

PIRES, Aquiles A.M. ; MOURA, D. G. . Empreendedorismo, Protagonismo e Pedagogia de Projetos: uma simbiose transdisciplinar. In: VI ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2007, Florianópolis-SC. ABRAPEC - Caderno de Resumos: VI ENPEC. Florianópolis-SC: ABRAPEC - VI ENPEC, 2007. v. 01.

SILVA, Fernanda Góes da. **Ensino do empreendedorismo na educação básica: a formação do cidadão empreendedor em questão**. 2015. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação), Univás, Pouso Alegre, 2015.

TEIXEIRA, Ana. Trabalho, tecnologia e educação: algumas considerações. *Trabalho e Educação*, Belo Horizonte, NETE/UFMG, nº 4, p. 161-184, 1998.

